

Caracterizando o AUTISMO: metáforas conceituais elaboradas por pessoas autistas em vídeos no YouTube

Characterizing AUTISM: conceptual metaphors developed by autistic people in YouTube videos

Letícia Adriana Pires Ferreira dos SANTOS

Universidade Estadual do Ceará
leticia.santos@uece.br



Lorena Maria PITOMBEIRA

Universidade Estadual do Ceará
lorena.pitombeira@aluno.uece.br



Resumo: Mesmo com os avanços dos movimentos sociais de autistas pela defesa da diversidade humana e dos seus direitos, ainda observamos a existência de caracterizações pautadas em crenças, valores e atitudes que impõe um padrão de “normalidade” que os excluem por seu jeito diferente de ser. Este estudo tem como objetivo descrever a categorização de AUTISMO, através das metáforas conceituais elaboradas por pessoas autistas em seus canais do YouTube. A categorização é uma forma de organização e de estruturação das significações elaboradas ao longo da vida sobre si mesmo e o mundo externo (Pelosi, 2022), formadas gradualmente pelas experiências (Lakoff; Johnson, 1980). As metáforas conceituais permitem a formação de conceitos complexos e categorias gerais, a partir da corporeidade, por meio das experiências sensório-motoras (Lakoff, 1987). Os autistas são caracterizados pelo manual médico DSM 5 (APA, 2014) por relativos déficits na comunicação social e comportamentos/interesses restritivos e repetitivos. O estudo utiliza as narrativas de autistas em dois vídeos de domínio público, em dois canais no YouTube, utilizando como procedimento de coleta de dados e de estudo de caso (Gil, 2008) o *software AntConc 3.5.9*. Como resultados, identificamos a metáfora conceitual AUTISMO É UM ORGANISMO VIVO, que discorre sobre a condição de neurodesenvolvimento e da importância de valorizar o aspecto vivo dos autistas, que possuem suas próprias necessidades e autonomia nas suas ações. Além disso, destaca a possibilidade da morte como forma de ocultamento, vergonha, raiva, temor, evolução e fim da vida (Kövecses, 1992), por causa da violência sofrida com a exclusão social.

Palavras-chave: categorização; metáfora conceitual; autismo.

Abstract: Despite the advances of autistic social movements in defense of human diversity and their human rights, we still observe the existence of categorizations based on beliefs, values and attitudes that impose an excluding standard of “normality” for their different way of being. This study aims to describe the categorization of AUTISM, through the conceptual metaphors developed by autistic people on their YouTube channels. Categorization is a way of organizing and structuring the meanings elaborated throughout life about oneself and the external world (Pelosi, 2022), gradually formed by experiences (Lakoff; Johnson, 1980). Conceptual metaphors allow the formation of complex concepts and general categories, based on embodiment and sensorial-motor experiences (Lakoff, 1987). Autistics are characterized, according to the DSM 5 medical manual (APA, 2014), by relative deficits in social communication and restrictive-repetitive behaviors/interests. The study uses the narratives of autistic people in two public domain videos, on two YouTube channels, using the AntConc 3.5.9 software as a data collection and case study procedure. As a result, we identified the conceptual metaphor AUTISM IS A LIVING ORGANISM, which discusses the condition of neurodevelopment and the importance of valuing the living aspect of autistic people, who have their own needs and autonomy in their actions. In addition, it highlights the possibility of death as a form of concealment, shame, anger, fear, evolution and the end of life (KÖVECSES, 1992), due to the violence suffered with social exclusion.

Keywords: categorization; conceptual metaphor; autismo.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo central a descrição da categorização de AUTISMO¹, através das metáforas conceituais elaboradas por pessoas autistas em seus canais no YouTube, buscando, mais especificamente, identificar as metáforas conceituais que categorizam AUTISMO e o mapeamento do domínios-fonte e alvo.

As Nações Unidas (2017) afirmam que a Organização Mundial de Saúde estimou que uma a cada 160 crianças são autistas. De acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010, para cada 10.000 pessoas, 60 são autistas, logo, pode-se calcular que um entre dois milhões de brasileiros preencha esse critério, sendo que, dentre eles, 400 a 600 mil tem menos de 20 anos e entre 120 e 200 mil são menores de cinco anos.

Ortega (2009) afirma que os autistas fazem parte de um grupo social composto por pessoas definidas como neurodiversas, assim como pessoas que possuem dispraxia, dislexia e síndrome de Tourette. Por outro lado, as pessoas autistas adotam que o AUTISMO é uma deficiência que faz parte da diversidade humana, que são as suas singularidades que constituem suas identidades sociais, que o AUTISMO não é uma doença, reforçando, desta forma, os “estudos da deficiência”² e o “modelo social da deficiência”³.

A Lei nº 12.764/2012 (Brasil, 2012), que dispõe sobre a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, define que os autistas são considerados Pessoas com Deficiência (PCD) por terem uma condição de deficiência, que pode ser mental e sensorial, de forma persistente e médica, que comprometem a comunicação, o cuidado pessoal, a utilização de recursos da comunidade, o trabalho, as habilidades sociais e as acadêmicas, estando em conformidade com o que está disposto no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mental 5 - DSM-5 (APA, 2014).

Para alcançar os objetivos dessa pesquisa, adotamos a pesquisa descritiva, em virtude de possibilitar a identificação das características da conceptualização de AUTISMO, utilizando como dados fornecidos aqueles

¹ As metáforas conceituais e os domínios fonte e alvo serão digitadas em caixa alta, de acordo com a proposta teórica de Lakoff e Johnson (1980), assim como os domínios conceituais, no caso de AUTISMO.

² Os “estudos da deficiência” busca realizar reflexões críticas acerca da deficiência na perspectiva da própria pessoa com deficiência, ampliando as concepções dos discursos de médicos, de educadores e de especialistas de diversas áreas de pesquisa. Esses estudos possuem como lema “nada sobre nós sem nós” (Ortega, 2009).

³ O “modelo social da deficiência” entende que a deficiência é a relação da pessoa com as barreiras impostas pela sociedade (Ortega, 2009).

pelas pessoas (Gil, 2008), ou seja os dados nos quais os autistas expõem suas experiências de vida sob o prisma da sua condição neurodiversa em canais do YouTube. Os dados da pesquisa são constituídos por dois vídeos de autistas, que estão em domínio público, em dois canais no YouTube, a saber: 1º Encontro Paulista de Pessoas Autistas (Dia 2, Mesa 2)⁴, da ABRAÇA Autismo Brasil, e “Um vídeo (NÃO) bonito sobre AUTISMO”, do canal de William Chimura⁵, em que realizamos um estudo de caso (Gil, 2008). A coleta de dados foi feita pelas transcrições das legendas em língua portuguesa e, posteriormente, formatadas para utilização no software.

O artigo está estruturado em seções sobre a categorização e Modelos Cognitivos Idealizados, as metáforas conceptuais, AUTISMO, os resultados e discussões e as considerações finais seguidas das referências.

2 CATEGORIZAÇÃO E MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS (MCIS)

A filosofia tradicional disseminou por muito tempo teorias sobre como os indivíduos elaboram conceitos sobre a realidade. Essa perspectiva tradicionalista e positivista compreende a categorização relacionada à metafísica. Em oposição à abordagem metafísica, Lakoff (1987) e Johnson (1987) propõem que a significação está diretamente vinculada às experiências corpóreas dos indivíduos na realidade.

Johnson (1987) aponta que a contribuição do realismo metafísico (ou realismo descorporificado), proposto por Kant, para o realismo corporificado está em conciliar entendimento, razão e imaginação. Conforme o referido autor, o realismo metafísico entende que toda a experiência envolve a associação entre a percepção e os sentidos e que é possível compreender a realidade a partir de estruturas mentais. As representações mentais de sentidos, de imagens e de conceitos são criadas através dessas estruturas mentais e advêm de representações mais gerais. Assim, a imaginação possibilita que esses julgamentos criados pelas representações mentais se tornem conhecimento, como imaginação reprodutiva.

Lakoff (1987) afirma que o realismo corporificado entende a linguagem como forma de vida que cria significações a partir dos jogos de linguagem (Wittgenstein, 1996). As significações são influenciadas pelas manifestações socioculturais, históricas, interlocutores e situações de uso nas interações humanas (Teixeira, 2011), bem como possui influências sensório-motoras (Macedo, 2006). Assim, a linguagem reflete a conceptualização humana interligada com a mente, na medida em que os

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/WillianChimura/about>. Acesso em: 8 jun. 2021.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CBoldHhOysE>. Acesso em: 2 abr. 2021.

“padrões sistemáticos de estrutura e comportamento linguísticos não arbitrários ou devidos a convenções ou generalizações puramente linguísticas” (Gibbs, 2005, p. 12), são motivadas pelas experiências corporais que são, geralmente, entendidas metaforicamente (Gibbs, 2005).

O realismo corporificado possibilitou uma nova abordagem do ponto de vista experiencialista sobre a teoria da imaginação, em que o pensamento pode ser criativo “devido aos esquemas imagético-cinestésicos, às metáforas e às metonímias, que estruturam as representações conceituais” (Lima, 2012, p. 28) e expressar conceitos físicos e abstratos, possibilitando a categorização.

A categorização é definida como uma operação neuronal importante para organizar o conhecimento. Desde o nascimento de uma criança, ela está inserida em um mundo repleto de significações, conceitos e estruturas constituídos por grupos sociais, situados socioculturalmente, que devem ser aprendidos ao longo da vida, bem como ela deve criar suas próprias conceptualizações em seu desenvolvimento.

O indivíduo se desenvolve ao se apropriar de diferentes instrumentos culturais e pelas operações neurológicas que se constituem ao longo da vida. Dessa forma, os conceitos são aprendidos e (re)construídos na vida social, uma vez que a aprendizagem individual não é solitária, individual e retilínea, mas dinâmica, ocorrendo através das interações sociais, de forma variada e multiforme, funcionando como um mecanismo de organização da realidade que nos “permite simplificar a infinitude do real (Cuenca; Hilfert, 1999, p. 32).

Pelosi (2022) aponta que a categorização nos permite organizar cognitivamente as inúmeras significações elaboradas ao longo da vida sobre o mundo externo e sobre si mesmo, tratando-as como equivalentes. Tratar as significações acerca da mesma categoria como idênticas permite uma economia cognitiva, em virtude da inviabilidade de ter que categorizar os inúmeros objetos e eventos do cotidiano dentro de uma mesma categoria. Destacamos que há diferentes visões sobre a estruturação das categorias. Nesse estudo, centramo-nos nas visões clássica, prototípica e experiencialista.

Smith e Medin (1981) afirmam que o modelo clássico define que as categorias possuem como características serem arbitrárias, terem critérios definidores de características dos itens que fazem parte de uma determinada categoria e esses critérios delineiam o limite de itens inseridos dentro de uma categoria. Dessa forma, há uma lógica de descrição sumária para um item pertencer a uma categoria ou não.

A crítica de Lakoff (1987) à teoria clássica reside no fato de ela ter sido aceita por muito tempo sem críticas e problematizações, em virtude

dos estudos terem entendido essa teoria como verdade inquestionável e não como hipótese empírica. Conforme ele, a categorização passou a ser problematizada pelo campo da Psicologia Cognitiva, por meio da teoria prototípica de Rosch (1975). Para resolver os problemas decorrentes da visão clássica, a visão prototípica propõe que existem gradações de características e critérios para que um item faça parte de uma determinada categoria (Lakoff, 1987). Segundo Pelosi (2022), Lakoff (1987) desconstrói a ideia de um “tudo ou nada”.

Para Lakoff (1987), nós categorizamos a partir de palavras e conceitos, pautando-nos nos nossos pensamentos, percepções, ações e discursos. Por exemplo, o autor afirma que, quando vemos uma árvore, estamos categorizando-a. De acordo com Lakoff e Johnson (1980), as categorias são formadas gradualmente por conjuntos de conceitos que são formados através das nossas experiências. As categorias não são, entretanto, estáveis, pois elas também absorvem conceitos que podem não estar totalmente relacionados à categoria. Para o autor, há dois tipos de estruturas em nossas experiências pré-conceituais: 1) nível básico, no qual seria a associação de como os seres humanos percebem as coisas em termos de *Gestalt*⁶, das possibilidades do indivíduo de movimentar o corpo e da habilidade de elaborar imagens mentais valiosas; 2) esquemas imagético-cinestésicos, que são estruturas simples que estão presentes nas experiências corpóreas.

A categorização, pelo experiencialismo, surge por meio das estruturas de nível básico e nos esquemas imagético-cinestésicos, através das metáforas físicas e abstratas, bem como das projeções das categorias em três níveis, a saber: básico, superordenadas e subordinadas. O nível superordenado é composto por itens que possuem atributos gerais e comuns aos demais elementos da mesma categoria. Já o nível subordinado possui itens com atributos diferentes e mais informativos das categorias. Desse modo, a respeito das categorias de nível básico, são elaboradas as categorias de nível superordenado e nível subordinado (Lakoff; Johnson, 1999), que transpassam o conhecimento do indivíduo acerca das características e dos atributos que estão presentes na mesma categoria.

A elaboração de conceitos gerais e complexos que permeiam a construção da categorização é estruturada através dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), por Lakoff e Johnson (1999), proposta que trata da Teoria da Metáfora Conceptual, a qual utilizamos como meio para identificar a conceptualização.

Os MCIs são definidos como “estruturas neurais que nos permitem

⁶ Lakoff e Johnson (1980) as *gestalts* são as formas como se organizam as experiências em multidimensões estruturadas, uma vez que são agrupamentos e conexões.

caracterizar mentalmente nossas categorias e racionalizá-las” (Lakoff; Johnson, 1999, p. 19), pautado na capacidade de conceptualização da razão humana, organizando nosso conhecimento geral sobre o mundo. Assim, a cognição sistematiza e utiliza as informações externas relevantes de forma social ou instrumental, as quais podem ser utilizadas como fonte de inferências para outros domínios da experiência.

Uma vez que os modelos cognitivos estão imersos na cultura, o indivíduo irá moldar suas categorias a partir de processos sociais e culturais atinentes às suas vivências e isso possibilita a formação dos MCIs. Dentro dessa estrutura dos MCIs, iremos mostrar o papel da metáfora conceptual que faz emergir crenças, valores, preconceitos, ideias etc., à respeito de como a pessoa autista se entende e se vê em sociedade em relação ao AUTISMO.

Os modelos são idealizados uma vez que eles estruturam uma série de estímulos que são influenciados por diferentes naturezas, tais como crenças, valores, atitudes etc., envolvendo abstrações elaboradas na percepção, nos discursos e nas atitudes que são produzidos pela cognição criando as conceptualizações. Como exemplo, Lakoff (1987) analisa a palavra TERÇA-FEIRA, que faz parte do movimento solar para organização social para determinar o início e o fim do dia, sendo parte de uma semana composta por sete dias, na qual a TERÇA-FEIRA seria o terceiro dia. Como vemos, para que possamos compreender a palavra TERÇA-FEIRA temos que buscar o MCI de SEMANA.

Os MCIs são formados por: 1) esquemas de imagens, 2) proposicionais, 3) metonímicos, 4) simbólicos e 5) metafóricos. Nessa pesquisa estamos analisando a categorização pelas metáforas conceptuais, a partir da proposta de Lakoff e Johnson (1980) de que elas possuem centralidade nos MCIs, traduzindo as crenças, valores, preconceitos etc., como veremos na próxima seção.

METÁFORAS CONCEPTUAIS

A definição de metáfora passou por mudanças ao longo dos tempos, desde concepções filosóficas, na qual foi vista como recurso retórico e figura de linguagem, até a abordagem experiencialista da Linguística Cognitiva presente em Lakoff e Johnson (1980). O experiencialismo entende a metáfora conceptual como um mecanismo de abstração da razão humana para conceptualizar sobre as experiências sensório-motoras, culturais e sociais que os indivíduos estão vivenciando em cotidiano na sociedade.

Berber Sardinha (2007) afirma que a filosofia compreendeu a

metáfora como uma categoria prototípica utilizada para designar uma coisa pela outra e como uma forma de discurso indireto. A partir das novas perspectivas de estudos das metáforas, passou-se a relacionar os aspectos cognitivos e interacionais dos falantes.

Dentre as novas abordagens que se opõem ao positivismo e gerativismo da filosofia, temos a metáfora conceptual. Lakoff (2002, p. 4, tradução nossa ⁷) define metáfora conceptual como “uma maneira convencional de conceitualizar um domínio de experiência em termos de outro, normalmente, de modo inconsciente”, que aprendemos com a cultura e a língua. A compreensão das nossas experiências é entendida considerando os objetos e substâncias que se relacionam com essa experiência, “selecionamos e extraímos partes dessa experiência, identificando-as como entidades e substâncias em si, podendo, assim, categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las (Teixeira, 2011, p. 71).

As metáforas conceptuais são formadas nas interações e ações sociais que, relacionadas com a mente, moldam o cognitivo, formando categorizações. Segundo Lakoff e Johnson (1999), as experiências corpóreas resultam das interações e ações que realizamos no mundo.

Macedo (2006) explica que a categorização, através das metáforas conceptuais, está fortemente atrelada às questões culturais, uma vez que as expressões verbais e não verbais podem expressar percepções e sentimentos atrelados à visão de mundo e os sentidos dele. Então, as metáforas conceptuais refletem padrões de comportamento e condutas como resultados das experiências corpóreas. Dessa forma, as metáforas conceptuais construídas cognitivamente a partir das vivências e experiências corpóreas do indivíduo contribuem para compreendermos o modo como um grupo pensa acerca de determinadas temáticas, não havendo, portanto, verdades absolutas.

Para Farias e Marcuschi (2006, p. 120), “a metáfora é uma forma de raciocinar a respeito das coisas, das instituições, das pessoas, das emoções, dos valores e da moral”, através da experiência, estando inserida na vida cotidiana das pessoas na forma como agimos e pensamos. Por isso, a metáfora conceptual não é natural, sendo construída socialmente, de forma discursiva, contendo, portanto, elementos pragmáticos. Nessa perspectiva teórica, o indivíduo é visto como um ser “cognoscente, histórico e social” (Farias; Marcuschi, 2006, p. 12), inserido na sociedade, que se expressa discursivamente por meio de metáforas.

As metáforas conceptuais são fundamentais para que se compreenda o modo de pensar dos indivíduos, que são realizadas pelas

⁷ A conventional way of conceptualizing one domain of experience in terms of another, usually unconsciously.

expressões linguísticas. As expressões linguísticas são utilizadas pelo indivíduo para a elaboração das expressões metafóricas conceptuais (Berber Sardinha, 2007).

A experiência corpórea é responsável por estruturar os esquemas cognitivos que possibilitam a compreensão de outras experiências sensório-motoras, físicas ou abstratas. Isso ocorre devido à associação entre os esquemas e o conceito em análise, causada pela natureza proposicional e *gestáltica* do esquema. São as proposições que estruturam os esquemas, a partir de fatores pragmáticos, sociais, culturais, contextuais, entre outros, e as *gestalts* que fazem o ajuste entre esquema e conceito. Esses fatores correspondem à relação entre as experiências físicas e os conceitos abstratos denominados por Lakoff e Johnson (1999) como mapeamento metafórico.

O mapeamento das expressões metafóricas é processado por meio de domínios (conhecimentos) conceptuais, a saber: domínio fonte e domínio alvo, caracterizados como fixos, inconscientes e automáticos (Lakoff; Johnson, 1999). O domínio fonte é aquele conceito concreto, sendo utilizado para conceituar algo metafórico no domínio alvo, que é abstrato. Um domínio fonte pode ter vários domínios alvo. Para exemplificar, utilizaremos a expressão linguística: “nosso casamento está indo muito bem”, de que emerge a metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM, no qual o domínio-fonte é a viagem e o domínio-alvo é o amor. O domínio-fonte também poderia ter como domínio-alvo RELAÇÕES AMOROSAS.

O mapeamento metafórico possibilita realizarmos inferências acerca dos desdobramentos da conceptualização quando é correlacionado com outras metáforas conceptuais que já estão presentes no âmbito cognitivo e situadas socioculturalmente. Dessa forma, os grupos sociais e culturais possuem expressões metafóricas que são características em sua sociedade, corroborando para a compreensão dos sentidos conceptualizados e indicando as questões ideológicas na sociedade (Berber Sardinha, 2007).

Conforme Berber Sardinha (2007), os cinco principais tipos de metáforas conceptuais são: 1) estruturais, que indicam caminho, vida a dois, viagem, dentre outros; 2) orientacionais, no qual relaciona “coisas boas para cima” e “negativas para baixo”; 3) personificação, quando a teoria está associada a uma pessoa e a aspectos corpóreos; 4) ontológicas, que ocorrem quando algo abstrato é expresso em termos de “entidade”; 5) primárias, que seriam as metáforas em comum entre as culturas, como “BOM É PARA CIMA, AFEIÇÃO É CALOR,” (Berber Sardinha, 2007, p. 35). Dessa forma, a conceptualização faz parte do processo metafórico e de elaboração dos conceitos, produzindo nos indivíduos conhecimentos e sentidos acerca de

tudo que o cerca na sociedade, com base no conhecimento que possuem, ocasionando alterações qualitativas no âmbito sociocognitivo de acordo com as experiências coletivas e individuais (Farias; Marcuschi, 2006).

Portanto, as metáforas conceptuais estão presentes no nosso dia a dia, formando categorizações, contribuindo para a compreensão da produção dos sentidos, atendendo ao objetivo de análise desta pesquisa. Na seção seguinte, apresentaremos as definições de AUTISMO com base nas diferentes visões sobre a temática que foram construídas ao longo da história.

3 AUTISMO

Conforme Leitão (2021), o termo AUTISMO foi construído de “autos”, em grego, que significa “si mesmo” e do “ismo”, que quer dizer “síndrome, transtorno”. O autor afirma que o termo foi criado por Ploller, em 1906, para se referir a uma deficiência, conforme a Lei nº 12.764/2012 (BRASIL, 2012) e foi expresso pela primeira vez pelo médico psiquiatra Bleuler (Leitão, 2021), para apontar uma das características da esquizofrenia, uma vez que essas pessoas pareciam viver em outro mundo, diferente dos demais, fator o qual que dificultava a sua comunicação social.

Kanner (1943) utilizou o termo AUTISMO criado por Bleuler e o definiu como um distúrbio inato do desenvolvimento da criança, em virtude de identificar as características desde o nascimento do indivíduo, tais como “a necessidade de solidão, necessidade de uniformidade. Estar só em um mundo que nunca varia.” (Grandin; Panek, 2018, p. 13). Isso ocorre porque autistas possuem um funcionamento cerebral diferente, que afeta a sua capacidade de se comunicar, compreender e falar, além de afetar o seu convívio social. A percepção desse funcionamento geralmente acontece antes dos três anos de idade e atinge meninos e meninas (Holmes, 2001).

Holmes (2001) indica que o AUTISMO pode ser explicado pelo fator biológico, pois também identificava algumas dessas características no modo de agir dos pais das crianças estudadas. As pesquisadoras geneticistas Griesi-Oliveira e Sertié (2017) acrescentam que também possa haver influência dos fatores ambientais, infecções e usos de medicamentos, estimando que 50 a 90% dos diagnósticos de AUTISMO sejam hereditários. Ainda hoje, são realizadas pesquisas para definir as causas dessa condição, não há nada definitivo no campo da ciência.

O DSM 5 (APA, 2014) define que autistas possuem o Transtorno do Espectro Autista (TEA), caracterizados por relativo déficit na comunicação social e comportamentos/interesses restritivos e repetitivos. A utilização da palavra “espectro” se deu em virtude da compreensão sobre a variabilidade

de formas que as características se manifestam em cada indivíduo, destacando a singularidade de cada pessoa autista e a ideia de que existem “autismos”.

A novidade do conceito de AUTISMO como TEA impactou na elaboração da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde-CID 11 (Organização Mundial da Saúde, 2021). Nesse documento, o AUTISMO é caracterizado pelos déficits na interação social (iniciar e manter), na comunicação social e por possuir padrões restritos, repetitivos e inflexíveis de comportamento, subdivididos em relação à linguagem funcional e à presença ou não da deficiência intelectual associada.

Leitão (2021) aponta que o DSM-5 (APA, 2014) e o CID 11 (Organização Mundial da Saúde, 2021) corroboram para que “a visão de que essas pessoas seguem determinado padrão ainda seja produzida, distribuída, interpretada e consumida por meio de veículos de comunicação, perpetuando estereótipos e representações patologizantes.” (Leitão, 2021, p. 96-97).

Fadda (2019) pesquisou sobre as significações que autistas adultos elaboram sobre sua condição de ser autista com base na fenomenologia e sua análise de dados identificou a importância dos aspectos da materialidade, experiencialismo e corporificação para sustentar e dar sentido à existência dos autistas que foram sujeitos de sua pesquisa.

Para Fadda (2019), os autistas possuem dificuldade no entendimento e na compreensão das significações elaboradas por outras pessoas, em virtude de o mundo possuir uma multiplicidade de regras, padrões e mapas que permeiam as expressões faciais, os gestos, o contexto social implícito, as metáforas e as ironias. Por isso, muitas vezes, é preciso que alguém explique o que está acontecendo. Para eles, é mais fácil compreender o que permeia o AUTISMO e outras pessoas autistas do que pessoas que não são autistas, que lhes exige a elaboração de significados do outro que são ainda mais complexos. A dificuldade de entendimento das experiências no mundo externo pode influenciar na fala aberta, franca e direta sobre si, podendo ser problemático dependendo do contexto em que é dita (Fadda, 2019). A sinceridade ao falar sobre si é um meio de evitar conflitos consigo mesmo em virtude da necessidade de serem verdadeiros em suas expressões (Fadda, 2019).

Destarte, identificamos os diferentes conceitos elaborados sobre o AUTISMO e suas características criadas por pesquisadores, profissionais e familiares, as quais podem contribuir para a criação de rótulos do padrão de “normalidade” das pessoas, que causam o preconceito contra as PCD. Porém, inspirados no “modelo social da deficiência” e dos “estudos da

deficiência” buscamos ampliar os estudos que tratam da conceptualização do AUTISMO pautado nas metáforas conceptuais que são elaboradas pelos autistas, possibilitando o protagonismo dessas pessoas ao tratarem da sua própria condição de vida e como é ser autista. A seção seguinte irá apresentar os resultados e as discussões dessa pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, iremos apresentar metáforas conceptuais identificadas nesse estudo para alcançar o objetivo central de descrever a categorização por pessoas autistas sobre AUTISMO em seus canais do YouTube, mais especificamente, buscando identificar as metáforas conceptuais que categorizam o AUTISMO e o mapear seus domínios fonte e alvo. Na metodologia, utilizamos, para o estudo de caso (Gil, 2008) e a pesquisa descritiva (Gil, 2008), as ferramentas *Word List*, que gera uma lista das palavras que fazem parte da narrativa em ordem alfabética, e *Concordance*, em gera linhas de concordância a partir de uma determinada palavra-alvo selecionada do texto (Alberts-Franco, 2015), do software *AntConc* 3.5.9. Na lista de palavras, selecionamos a palavra “AUTISMO” como *nodo* por possuir maior frequência no texto, apontando para sua representatividade. Através da ferramenta *Concordance*, identificamos as linhas de concordância com o referido *nodo* e verificamos que a metáfora conceptual AUTISMO É UM ORGANISMO VIVO tinha maior expressividade, o que determinou nosso foco de análise metafórica.

A metáfora conceptual AUTISMO É UM ORGANISMO VIVO foi localizada na narrativa do vídeo denominado “Um vídeo (NÃO) bonito sobre AUTISMO”, do canal de William Chimura⁸, por meio da linha de concordância “bem Vamos começar com informações básicas né o **AUTISMO** é uma condição que se **nasce** com Então”. Essa metáfora conceptual trata das condições de neurodesenvolvimento do AUTISMO ao utilizar a palavra “nasce”, revelando a importância de valorizar o aspecto vivo do AUTISMO, que possui suas próprias necessidades e que faz parte da condição de vida daquela pessoa, possuindo autonomia nas suas ações. Como os autistas estão fora do padrão social de normalidade por seu jeito diferente de ser, destacar o aspecto vivo do AUTISMO também pode ser uma forma de lutar contra as metodologias biomédicas, que visam o tratamento dessa condição através da remoção das características dos autistas, buscando a adequação e normalização dos seus corpos, pautados nos estigmas negativos criados pela sociedade sobre pessoas fora do padrão. Por causa desses tratamentos, ao longo da história, muitos autistas foram mortos.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CBoldHhOysE>. Acesso em: 2 abr. 2021.

Ao analisarmos o vídeo do 1º Encontro Paulista de Pessoas Autistas (Dia 2, Mesa 2)⁹, abordando o tema “Autismo ao longo da vida”, também localizamos a metáfora conceptual AUTISMO É UM ORGANISMO VIVO, licenciada pela relação do AUTISMO com “até a morte”. Segue a linha de concordância dessa análise:

[...] o autismo continua nas nossas vidas depois dos 18 anos nos 20 nos 30 anos de idade e nos 40 50 60 anos nós somos **autistas** desde o nascimento até a **morte**. Então, existem questões dentro do autismo ao longo da vida que a gente vai lidando e a gente vai contornando até dificuldades (ABRAÇA Autismo Brasil, 2021, grifos da autora).

A “morte” faz parte do ciclo da vida, nascer, desenvolver e morrer. Desse modo, esse trecho reforça a definição de Willian Chimura, mencionada acima, de que o AUTISMO é uma condição do neurodesenvolvimento humano que acompanha o indivíduo ao longo da sua vida, não sendo, portanto, uma doença a ser curada. A perspectiva do AUTISMO como condição humana é defendida pelo movimento neurodiversos, que luta pela definição de que autistas são PCDs.

As causas de morte de autistas adultos também podem estar relacionadas com as violências sofridas ao longo de suas vidas, motivadas pelas atitudes, crenças e valores impostos pela sociedade “normalizadora”, cuja padronização dos indivíduos segrega, exclui e até mata aqueles tidos como fora do padrão ou “doentes”. Além disso, autistas adultos que não tiveram acesso aos atendimentos multidisciplinares de qualidade desde a sua infância tendem a ter mais dificuldades para serem incluídos socialmente, tanto no ensino superior como no mercado de trabalho, por esse motivo precisam criar estratégias para que sejam ou continuem incluídos socialmente.

Kövecses (1992) interpreta que a “morte” pode ser vista como forma de ocultamento, vergonha, raiva, temor, transição, evolução e fim da vida, dependendo da cultura. Na cultura ocidental, há uma relutância em morrer, mesmo que a “morte” seja uma realidade que está presente a vida toda, possuindo seus ritos e diferentes representações.

Lakoff e Turner (1989) compreendem que a menção à morte pode estar associada a: existência de pontos de partida; há meios de partida; a morte como uma partida sem retorno; e uma direção ascendente ou descendente. A partida pode ser o diagnóstico de AUTISMO, os meios para a partida são a exclusão social de autistas adultos e a “morte”, em decorrência da violência sofrida por conta do preconceito contra as PCDs, é a exclusão

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/WillianChimura/about>. Acesso em: 8 jun. 2021.

social de autistas adultos como algo sem solução e, por fim, como uma forma de descender na vida, já que passam a ser invisibilizados. O AUTISMO seria uma condição de vida que só pode ser encerrada na “morte”, pois ela é algo inevitável, um destino invencível, para autistas adultos.

Portanto, com esses resultados, observamos que nas narrativas os autistas apresentam a busca pela aceitação do AUTISMO como uma condição humana que faz parte do seu neurodesenvolvimento. Logo, não buscam por cura em virtude de não ser uma doença e sim buscam serem tratados com respeito e dignidade humana, exercendo o direito de serem parte da diversidade humana, colocando-se contra o padrão social normalizador que trata do AUTISMO como uma enfermidade. A seção seguinte irá tratar das considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, tivemos como objetivo descrever a categorização de AUTISMO, através das metáforas conceptuais elaboradas por pessoas autistas em seus canais no YouTube, buscando, mais especificamente, identificar as metáforas conceptuais que categorizam AUTISMO e o mapeamento do domínios-fonte e alvo. Na metodologia, realizamos um estudo de caso (Gil, 2008) com análise descritiva (Gil, 2008), com os dados provenientes das narrativas dos autistas um vídeo do canal ABRAÇA Autismo Brasil e um vídeo do canal William Chimura, através do software *AntConc* 3.5.9 (ALBERTS-FRANCO, 2015).

Como resultados, identificamos a reincidência da categorização de AUTISMO pela metáfora conceptual AUTISMO É UM ORGANISMO VIVO nas narrativas, as quais tratam da condição de autista como parte do seu neurodesenvolvimento em todo o ciclo da vida. No entanto, viver essa condição humana é passar por desafios em decorrência das relações de poder e opressão com base na deficiência realizadas por pessoas não autistas contra pessoas autistas. Essas relações desiguais que fundamentam a exclusão, a segregação e a violência desses últimos os tornam marginalizados socialmente. Dessa forma, a sociedade precisa identificar seus preconceitos contra o AUTISMO para aprender a viver e respeitar essas pessoas que são neurologicamente diversas. O fomento à pesquisa e a popularização do conhecimento científico acerca do AUTISMO poderão contribuir com a construção de mecanismos sociais que fortaleçam o respeito aos autistas e favoreçam sua inclusão social.

Por fim, como limitação dessa pesquisa, apontamos que a teoria das metáforas conceptuais indica que elas tendem à universalidade, entretanto é preciso considerar suas limitações quanto à conceptualização

em diferentes grupos que possuem distintos aspectos socioculturais que podem modificar a forma de elaboração dos conceitos. Para a ampliação dessa pesquisa, sugerimos a realização de uma análise das similitudes e distinções entre as metáforas conceituais e as metáforas sistemáticas que tratam sobre a conceptualização de AUTISMO.

REFERÊNCIAS

ALBERTS-FRANCO, C. Linguística de corpus e terminologia bilíngue: o programa Antconc e a extração de termos em alemão. **The ESpecialist**, São Paulo, SP, v. 36, n. 2, p. 182-202, jul. 2015.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM 5**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: APA, 2014.

BERBER SARDINHA, T. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 27 dez. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 10 jun. 2021.

CUENCA, M. J. & HILFERT, J. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona, 1999.

FADDA, G. M. **A experiência vivida por pessoas diagnosticadas como autistas, a partir de encontros dialógicos**. 2019. Tese de Doutorado em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2019.

FARIAS, E. P.; MARCUSCHI, L. A. A linguagem e o pensamento metafóricos. In: MACEDO, Ana P. (Org.). **Faces da Metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006, p. 111-130.

GIBBS, R. W. **Embodiment and Cognitive Science**. Cambridge University Press, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANDIN, T.; PANEK, R. **O cérebro autista**. Tradução de Cristina Cavalcante. Rio de Janeiro: Record, 2018.

GRIESI-OLIVEIRA, K.; SERTIÉ, A. L. **Transtornos do espectro autista**: um guia atualizado para aconselhamento genético. Einstein, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 233-238, 2017.

HOLMES, D. S. **Psicologia dos transtornos mentais**. Trad. Sandra Costa. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadores_minimos/sinteseindicais2010/SIS_2010.pdf. Acesso em: 30 jul. 2021.

JOHNSON, M. **The body in the mind**: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

KANNER, L. *Autistic disturbances of affective contact*. **Nervous Child**, v. 2, n. 1, p. 217-250, 1943.

KÖVECSES, M. J. Representações de morte. In: KOVÁCS, Maria Júlia (coord.). **Morte e desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992, p. 1-13.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than cool reason**: a field guide to poetic metaphor. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LAKOFF, G. **Moral Politics**: How Liberals and Conservatives Think. 2 ed. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LEITÃO, A. B. **Autismo e metáforas multimodais**: um estudo discursivo crítico sociointeracional. 2021. 313 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

LIMA, J. P. R. **A emergência de metáforas na fala sobre violência urbana**: uma análise cognitivo-discursiva. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

NAÇÕES UNIDAS. OMS afirma que autismo afeta uma em cada 160 crianças no mundo. **ONU News**: Perspectiva Global Reportagens Humanas. 2 abr. 2017. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2017/04/1581881-oms-afirma-que-autismo-afeta-uma-em-cada-160-criancas-no-mundo>. Acesso em: 14 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11) para Estatísticas de Mortalidade e Morbidade**. mai. 2021. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http%3a%2f%2fid.who.int%2fcd%2fentity%2f120443468>. Acesso em: 11 dez. 2021.

ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **SciELO**. jan. 2009. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/CPcMbsxyfF3CXLwTcprwC/?lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2021.

PELOSI (Ex-MACEDO), A. C. Paradigmas cognitivos, linguística cognitiva a metáfora conceitual. In: PELOSI (Ex-MACEDO), Ana C. (Org.). **Faces da Metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006, p. 23-36.

PELOSI, A. C. **Fuzzy Categories: a cross-cultural semantic analysis of brazilian portuguese and american english**. Campos dos Goytacases: Encontrografia Editora, 2022.

ROSCH, E. *Cognitive representations of semantic categories*. **Journal of experimental Psychology: General**, v. 104, p. 192-233, 1975.

SMITH, E. E.; MEDIN, D. L. **Categories and concepts**. Cambridge, Massachusetts: Havard University Press, 1981.

TEIXEIRA, L. A. S. **A polidez na conversa de pessoas esquizofrênicas**.

Figuratividade, Estratégias e Faces. 2011. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução de J.C. Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SANTOS, LETÍCIA ADRIANA PIRES DOS;
PITOMBEIRA, LORENA MARIA.
CARACTERIZANDO O AUTISMO: METÁFORAS
CONCEITUAIS ELABORADAS POR PESSOAS AUTISTAS
EM VÍDEO NO YOUTUBE ENTREPALAVRAS,
FORTALEZA, V. 14, N. 1, E2759, P. 136-152,
JAN.-ABR./2024. DOI: 10.22168/2237-6321-
12759